

ENQUADRO

CAPÍTULO I : DOMINGAS

ENQUADRO

CAPÍTULO I : DOMINGAS



ENQUADRO

CAPÍTULO I : DOMINGAS

Mano, amanhã vou ter que jogar, porra!

Éita! Dia de carnaval e eu trabalhando...

Marquei o médico para depois de amanhã, não foi?

Não. É amanhã mesmo... Ô cabeça!!

capítulo 1
a história antes da história

E assim foi.

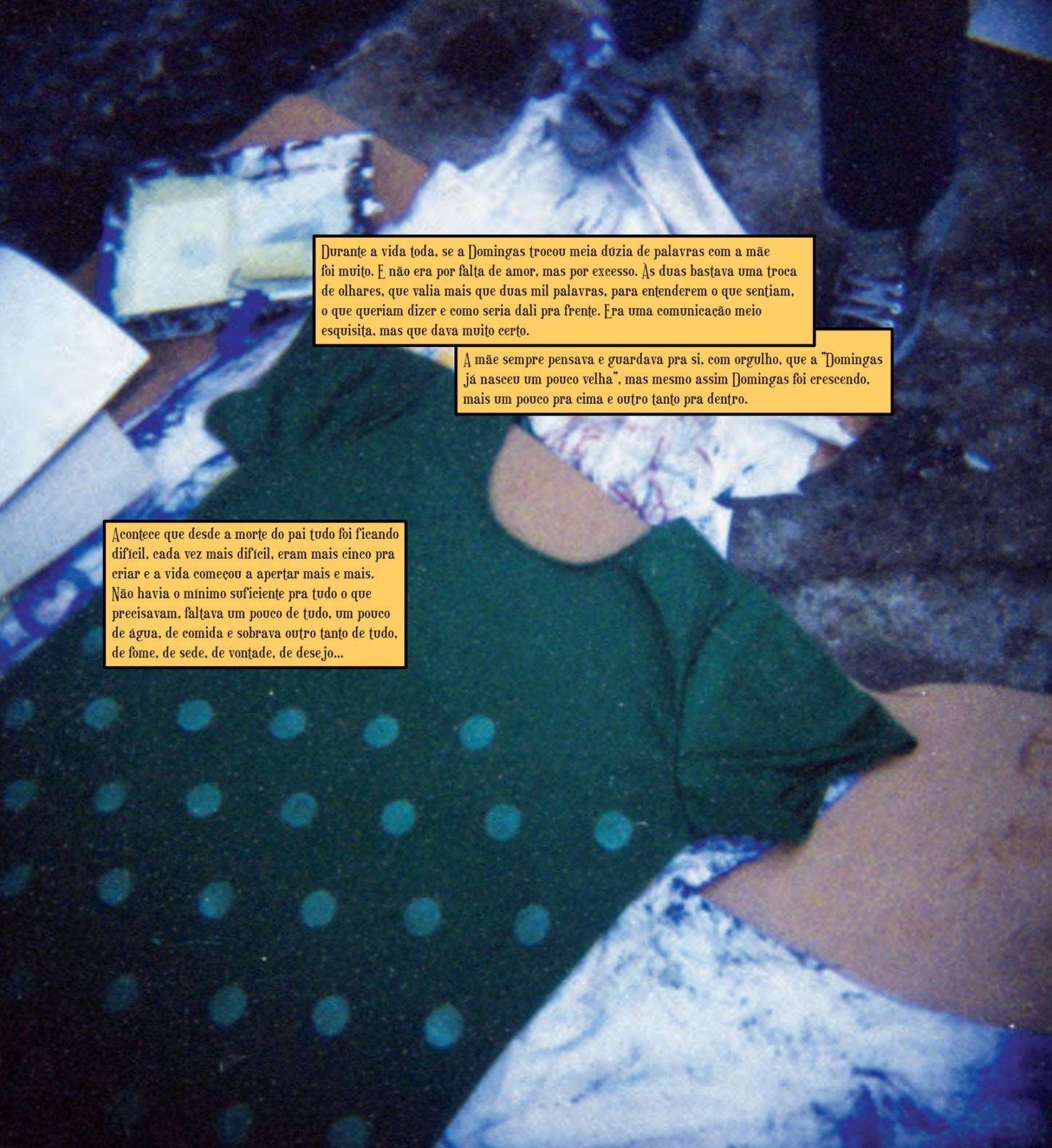


Domingas nunca foi de ficar doente nem de reclamar, nem quando era bebê, muito bebezinha mesmo. A mãe as vezes até estranhava a filha sem choro e sem febre, com sono e calada, mas no fundo achava era bom. Era a filha que dava menos trabalho, que se virava sozinha, desde quando nem era gente direito. Nunca se esqueceu do dia em que chegou em casa e viu Domingas engatinhando no quintal com um caqui podre na boca. Correu pra tirar, mas já tinha um monte de caqui podre, todos cheios de mordidinhas de neném espalhados pelo chão. A Domingas passou mal uns dias, mas nem assim ficou chorando à toa. Deu só uma chorada e pronto. Sete dias de febre e só um choro.

É que ela sempre foi forte, robusta. O pai da Domingas sempre que voltava da lavoura se media com ela no ombro a ombro. Destoava de todo mundo da família e com 8, 9, 10 anos já era maior que a maioria da parentada, inclusive do pai, o pai que se orgulhava da filha. Um dia quando o pai tava lá no meio do canavial colhendo na chuva, pensando que a filha podia logo era ajudar na colheita, caiu um raio que calou o pai da Domingas pra sempre. Foram velar o corpo e nem assim a Domingas chorou.

Assim foi a infância,
cresceu no quintal,
pegou fruta no pé,
pulou amarelinha,
andou descalça na rua.





Durante a vida toda, se a Domingas trocou meia dúzia de palavras com a mãe foi muito. E não era por falta de amor, mas por excesso. As duas bastava uma troca de olhares, que valia mais que duas mil palavras, para entenderem o que sentiam, o que queriam dizer e como seria dali pra frente. Era uma comunicação meio esquisita, mas que dava muito certo.

A mãe sempre pensava e guardava pra si, com orgulho, que a "Domingas já nasceu um pouco velha", mas mesmo assim Domingas foi crescendo, mais um pouco pra cima e outro tanto pra dentro.

Acontece que desde a morte do pai tudo foi ficando difícil, cada vez mais difícil, eram mais cinco pra criar e a vida começou a apertar mais e mais. Não havia o mínimo suficiente pra tudo o que precisavam, faltava um pouco de tudo, um pouco de água, de comida e sobrava outro tanto de tudo, de fome, de sede, de vontade, de desejo...



A mãe colocou Domingas no caminhão, direto pra São Paulo, pra ficar na casa da tia, pra fazer faxina, pra cozinhar pra fora, pra dentro, o que fosse, tentar qualquer coisa melhor que o nada. Só se olharam. Tristeza ter que embarcar a filha mais velha e mais próxima. Mas elas sabiam que era o único jeito. Depois de uma semana Domingas pôs os pés na cidade, quando ainda não tinha mais que 15 anos.

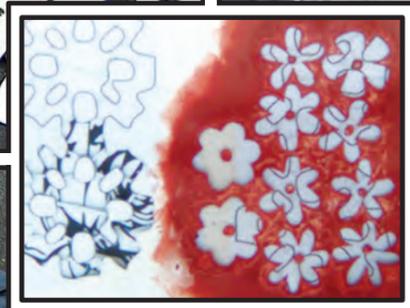


O começo foi difícil, vida de migrante, vida sofrida, ainda mais com a saudade da mãe, da casa, das irmãs, do cheiro. Por outro lado, Domingas já tinha passado por coisas bem piores, o mundo novo cheio de prédios, ruas, asfalto, gente, uma coisa louca feia linda barulhenta misteriosa que surgia à frente todos os dias era bem tentadora.

A tia era muito boa, foi logo ajudando, arrumou um emprego, que pagava mal, que sugava um tanto, mas que ainda assim dava pra ela, pra mãe e pras irmãs, segurar a onda. Pra aliviar tinha o samba. O samba do bairro, da escola da segunda divisão, uma maravilha. Domingas jamais se esqueceu da primeira vez que ouviu a bateria da escola. Ela ainda era moça, muito moça, apesar de velha, muito velha. A filha da tia, a prima, que dividia o quarto com ela que levou. Ela nem sabia o que era. Se arrumou e foi. Chegou lá e ouviu. E chorou. Chorou quando ouviu a bateria que parecia que tava batendo dentro dela e quando viu aquela menina rodando com uma bandeira encostada no corpo. Viu o vestido grudado no corpo e rodado na saia, a coisa mais linda desse mundo. E viu o homem que conduzia aquela mulher pelo meio da quadra, com sorriso no rosto. Até então ela nem sabia que existia uma felicidade daquela. E ali decidiu. Ali Domingas decidiu o que queria pro resto da vida. Queria confeccionar aquele sonho. Queria sorrir aquele sorriso. Queria dormir com aquele homem.



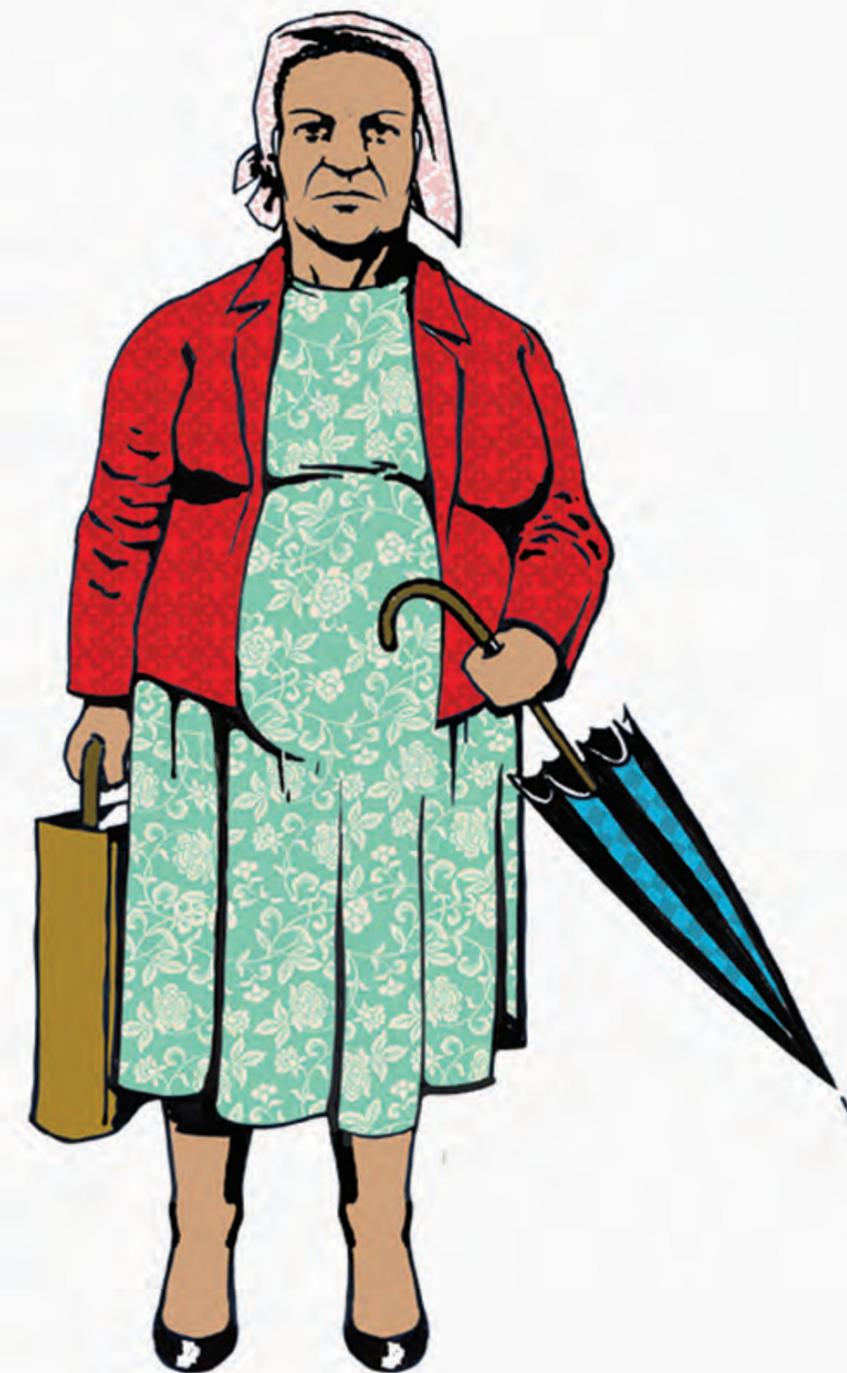
E assim fez.



Durante alguns anos, Deus deu trégua.

E Domingas foi uma mulher feliz.

A tia de Domingas era uma costureira de mão cheia. Vinham freguesas de bairros distantes e chiques pra pedir seus serviços. Depois do expediente, Domingas voltava pra casa e ajudava a tia no que precisasse. Ajudou tanto que superou a mestra. Virou Domingas, a costureira. Mas, mesmo assim, não conseguia fazer o mês. As coisas estavam mais caras, tudo estava mais caro. Conseguiu trabalho numa tecelagem no Brás. Claro que se transformou na melhor costureira da firma. Até hoje trabalha na mesma fábrica, no mesmo galpão. Tem a chave da porta, a confiança do dono da tecelagem e a amizade de todas companheiras. Virou confidente, conselheira, madrinha. Conhecia os segredos de todos na firma, mas em casa...





capítulo 2

**um sábado de um
carnaval qualquer**



7:50



7:51



7:52

7:54

Sábado.

De Carnaval.



Tempo fechado.



Quase chuva.





Ela era uma menina
Foi no carnaval que ela o viu primeira vez
Ele de azul, sapato branco, todo brilho,
dançando, cantando
A escola foi premiada
E na festa de comemoração ele a viu.

"Foi bom te ver outra vez
Tá fazendo um ano
Foi no carnaval que passou
Eu sou aquele pierrô
Que te abraçou
Que te beijou, meu amor
A mesma máscara negra
Que esconde o teu rosto
Eu quero matar a saudade"

O romance deles começou
Promessas de amor à luz do luar
Dançavam ao som da banda

"Vou beijar-te agora,
não me leva a mal
hoje é carnaval" (2x)

Existem no Brasil 170 milhões de habitantes
86 milhões são mulheres

"Tá eu fiz tudo pra você gostar de mim
Ai meu bem não faz assim comigo não
Você tem você tem que me dar seu coração

Ela pensou que fosse para sempre
Ele a iludiu.
Ela confiou nele e deixou que a levasse.

Ele não soube amá-la
Só a usou
E a única coisa que deixou com ela
Foi um filho em seu ventre

Essa história de gostar de alguém
Já é mania que as pessoas têm
Se me ajudasse Nosso Senhor
Eu não pensaria mais no amor"

De cada 100 mulheres grávidas
28 tem entre 10 e 14 anos.

Entre as meninas adolescentes que deixam a escola,
25% o fazem em razão da gravidez.

"O jardineira.. porque estás tão triste?
Mas o que foi que lhe aconteceu?
Foi a camelia que caiu do galho
Deu dois suspiros e depois morreu
Foi a carmelia que caiu do galho
Deu dois suspiros e depois morreu"

Filho de mãe solteira
Ela teve que escolher:
sua liberdade ou a vida dele
Ficou com a segunda opção.

"Samba lele tá doente, tá com a cabeça quebrada
Samba lele precisava, e de uma boa palmada.
Samba, samba, samba ô lele,
Samba, samba, samba ô lalá
Samba, samba, samba ô lele,
Samba, samba, samba ô lalá..."

Deixou de estudar,
de brincar, de dançar
E foi trabalhar
para dar o que comer para seu filho.
E assim foi a vida
O menino cresceu
Era o motivo de orgulho,
seu mote de vida
Ela seguiu, sustentando sua família

"Lata d'água na cabeça
Lá vai Maria
Lá vai Maria
Sobe o morro e não se cansa
pela mão leva a criança
Lá vai Maria

Lá vai Maria
lata d'água na cabeça
Lá vai Maria
Lá vai Maria
Sobe o morro e não se cansa
pela mão leva a criança
Lá vai Maria"

25,5% das mulheres do Brasil
são chefes de família.

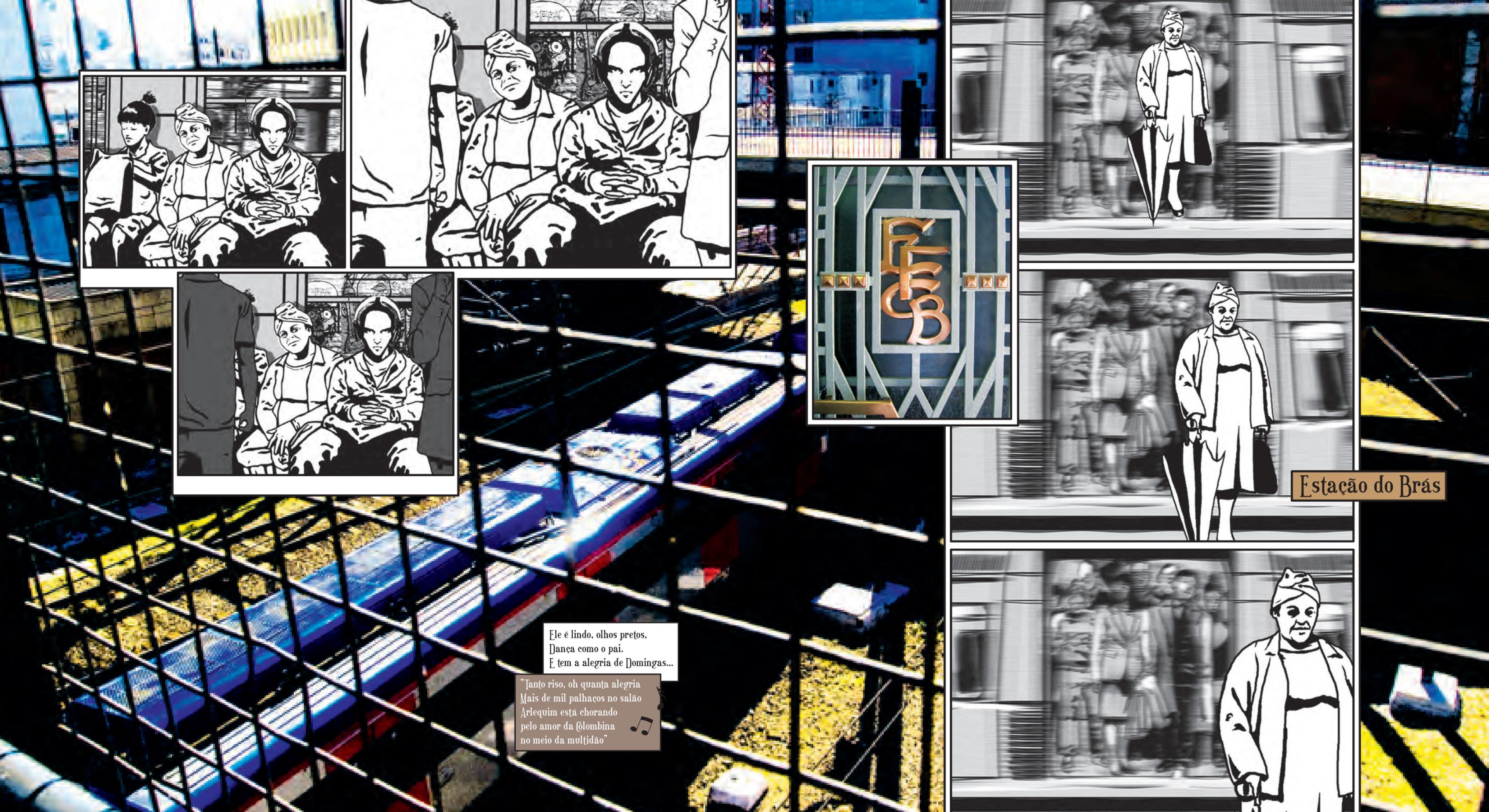


Estação do Brás

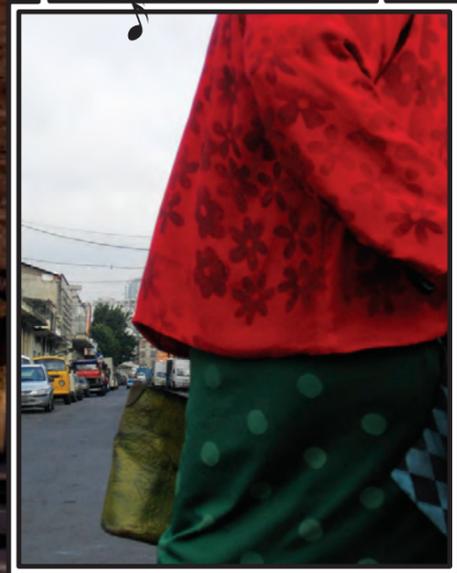


Ele é lindo, olhos pretos,
Dança como o pai.
E tem a alegria de Domingas...

"Tanto riso, oh quanta alegria
Mais de mil palhaços no salão
Arlequim está chorando
pelo amor da Colombina
no meio da multidão"



Domingas conhece bem o Brás, ô se conhece...



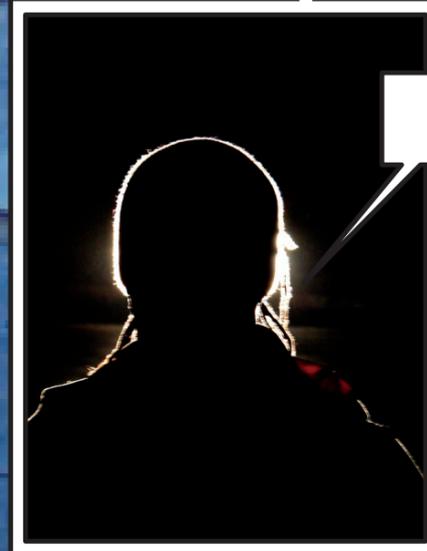
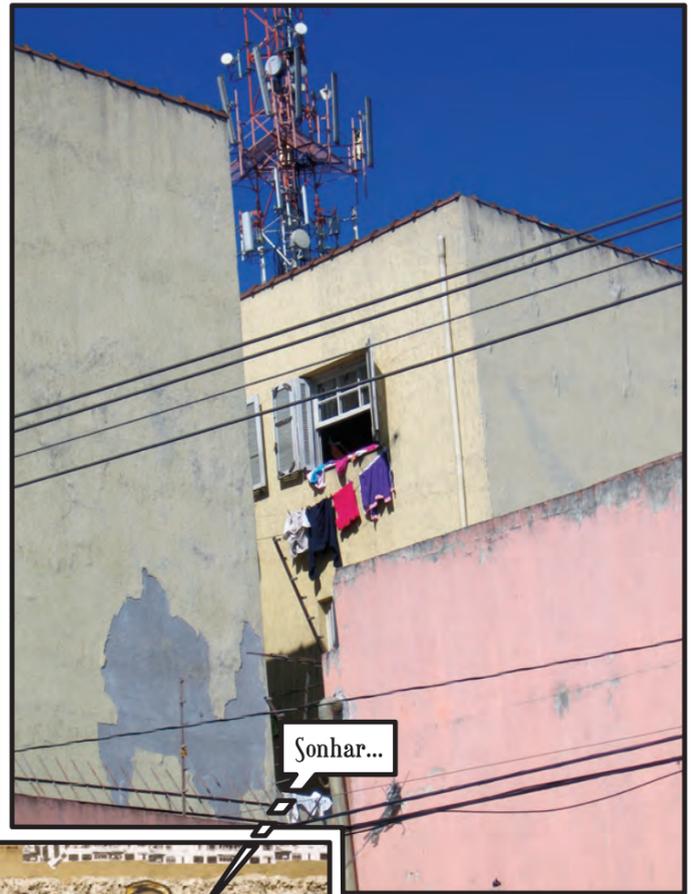
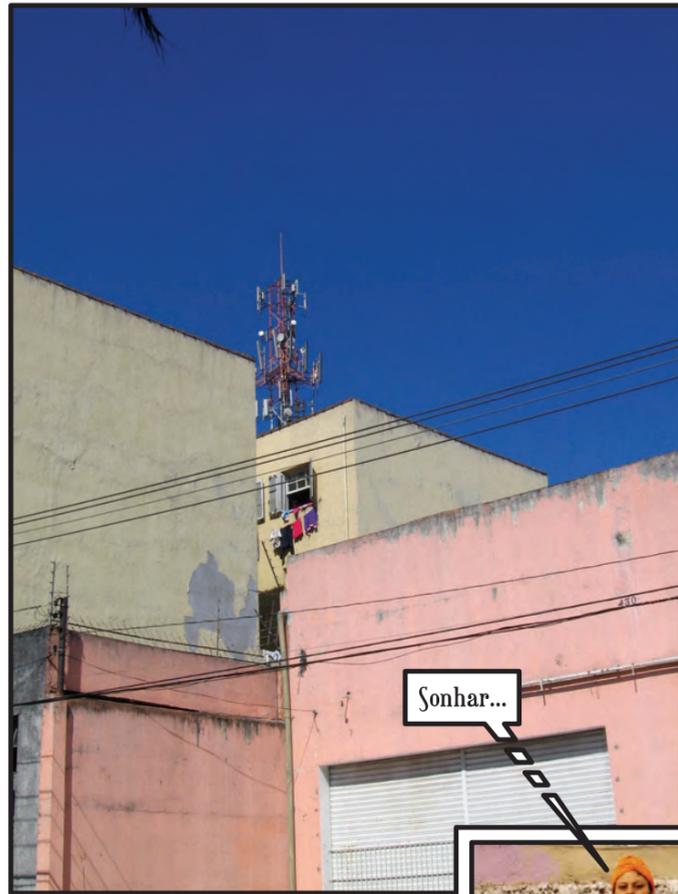
Sonhar não custa nada...



Sonhar não custa nada...

Tanto tempo de Brás, Domingas conhecia o bairro, seus contornos, seus vizinhos, suas manias. Tudo. Na Zona Realista, conhecia até os motoristas dos caminhões de entrega. Seu Robério, que conseguia as verduras e legumes mais baratos e frescos da região. Zanon era o dono do boteco que os trabalhadores da região enchiam a cara nos finais de expediente. Ele peitava muita gente, mas Domingas ele sempre respeitou. Nadinho era o gari que sempre cantava pra Domingas quando ela passava. Seu Mário, barbeiro, Dona Neiva, cabeleireira. Aparício, morador de rua, que Domingas sempre ajudou com roupas e cobertores pro inverno que chegava todo ano. Rubinho, da padaria, João dos Livros, da banca de jornais. Na Festa de São Vito, chegava em casa com a sacola de cheia. Toda as nonas das barracas deixavam presentinhos pra Domingas. Conhecia o casal Pietro e Maria Pia da pizzaria, antes de começarem a namorar, também as crianças da redondeza, que a chamavam de Madrinha, os comerciantes, o carteiro José, apenas José, os motoristas e cobradores de ônibus, o pessoal da estação. Todo mundo.







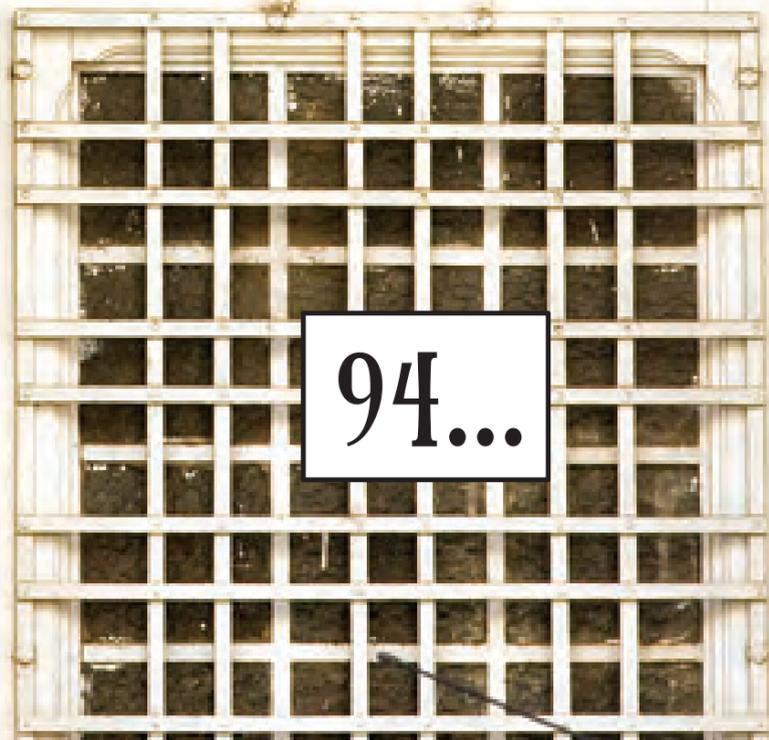
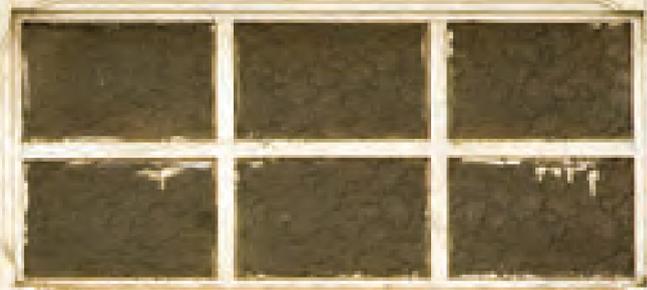
capítulo 3
descaminho

209

58...

207

207



94...

103...

75...

179



103... 75...

58... 94...



Poucas pessoas pela rua.
A passarela diária toma
um contorno diferente neste dia.
O silêncio é recortado
por sons de pássaros e de carros
que parecem distantes.
Algumas canções são repetidas
por radinhos ao longe.
Vozes. Vozes boas. Crianças.
Lembranças que sempre retornam.



59...

Prefiro aqueles
brinquedos que
a titia descola.

Será que vai
ter chocolate?

Olha! Vocês dois! Nada de ficar enchendo
a paciência da vovó e da tia, hein?

Ah, mãe...
Só um chocolatinho, vai...

Dois!!!

24...

47...

58

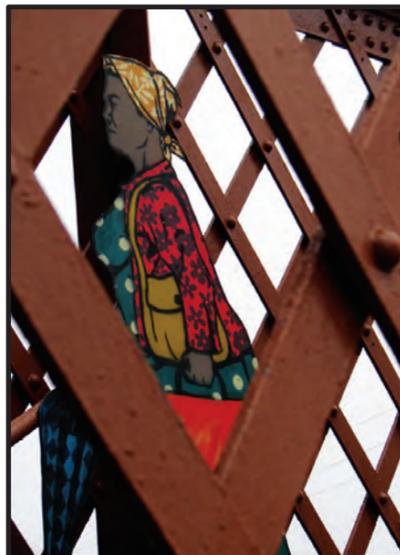


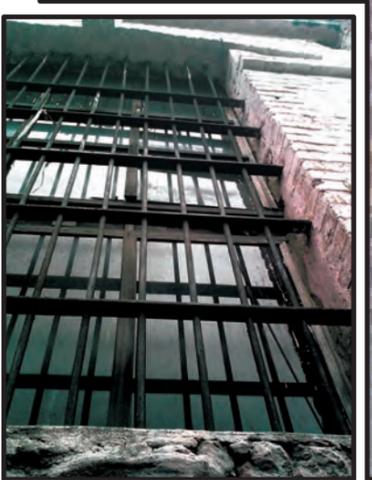
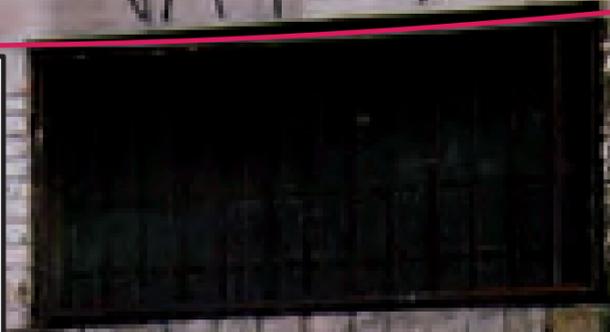
Domingas olha o trem passar como se pudesse fazer o tempo voltar. Como se pudesse fazer os dias felizes voltarem. Como se pudesse dançar o carnaval novamente.



58







58... 94... 105... 25...

A roupa de ir pra escola era 24... 47... 59...

O primeiro macacão pra dormir
no inverno era 12... 35... 43...

A roupa de mestre-sala:
58... 94... 105... 25...



A roupa que ele nunca mais voltou.



Mãe?





capítulo 4

sonho de menina grávida

Era como se Domingas tivesse duas vidas.
Antes e depois daquele café da manhã.

Acordou muito mais cedo que o costume. Esquentou o pão de véspera, tirou a margarina e o queijo da geladeira. Preparou o café e o leite. Fez dois ovos mexidos. 4 horas e a mesa estava posta. Tiaguinho acordou, lavou a cara, escovou os dentes e sentou-se a direita de sua mãe. Misturou o café no leite, cortou o pão no meio, passou a margarina separadamente nos dois lados e comeu um a um. Cabeça baixa, silencioso, poucos movimentos. O olhar lento e distante, nem uma só palavra. Domingas achava que era o adiantado da hora. Às 6 horas, sua escola entraria pra fechar o desfile do Grupo IV. Olhou pra sua mãe, deu um suspiro quase imperceptível e levantou-se.

Entrou em seu quarto, vestiu cuidadosamente a fantasia de mestre-sala que Domingas tinha costurado durante dias. Percebia no espelho, pouco a pouco o rei que sua mãe havia criado em seu corpo. O azul era predominante, vários tons, o brilho do branco e do amarelo. Ouro. Terminou de calçar as sapatilhas e olhou pra o espelho pela última vez. Ficou ali, parado, durante mais de minuto. Passou pela sala, onde Domingas quase chorou ao vê-lo. Abraços, beijos, cafuné. Tiaguinho de olhos fechados, permitiu tudo. Galado, firme, dirigiu-se à porta, deu um sorriso silencioso, pediu a bênção e falou a única frase que Domingas lembra. Lembra em todos os sons e respiros.

Mãe. A senhora ainda vai ter
orgulho de mim, pode deixar. Te amo.

Te amo.

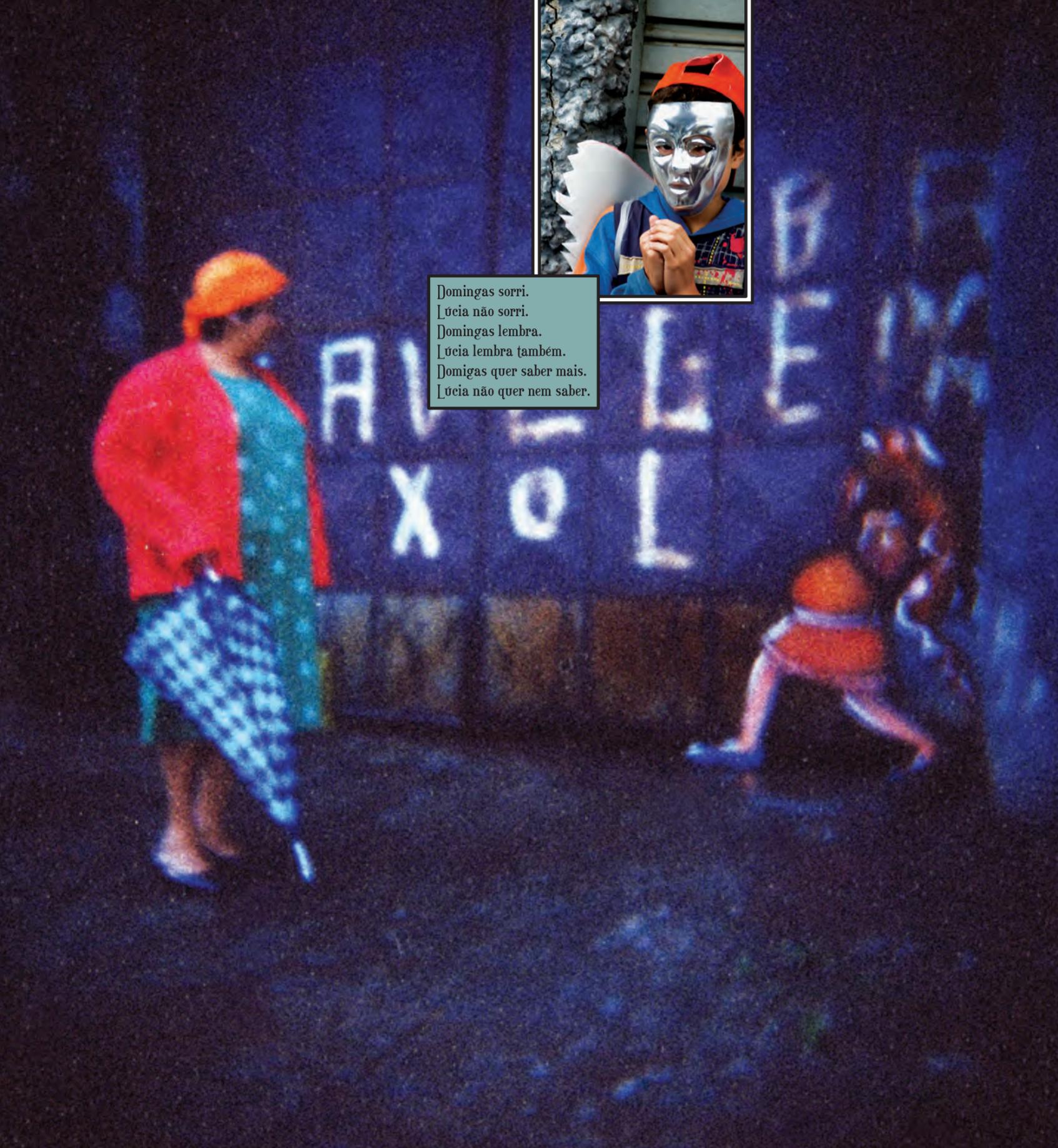


De repente, dobrando a mesma esquina de sempre...





Lúcia, 16, grávida.



Domingas sorri.
Lúcia não sorri.
Domingas lembra.
Lúcia lembra também.
Domingas quer saber mais.
Lúcia não quer nem saber.







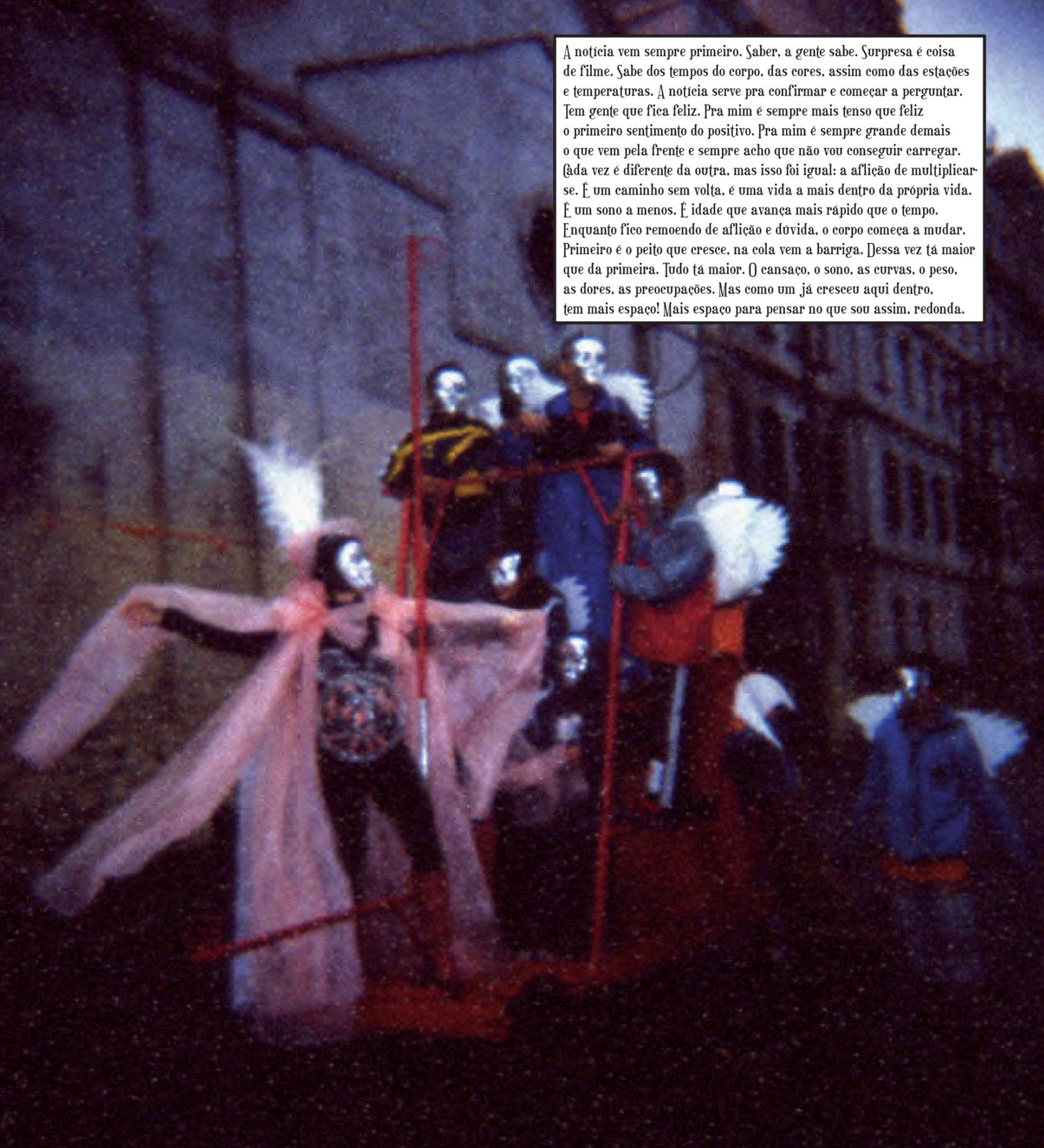
É uma felicidade gerar um filho. Ser o ninho, fornecer o alimento, ser a anfitriã deste ser que em breve chegará à terra. Filho que nasceu nos primeiros fiaves da Moira que fia o fio da vida. Logo esse fio passou para a segunda Moira que já começou a tecer sua trajetória. Ser especial e querido que já está banhado de amor, e neste banho quente e carinhoso vai se desenvolvendo, vai se movendo e sentindo sua corporalidade se formar. A tecelagem continua quando este ser chegar para viver ao nosso lado, respirando o mesmo ar que nós respiramos. Uma trama gostosa e divertida pode ser traçada para este ser de amor. Que viva todos seus momentos com amor à vida. Que viva intensamente! E sua vida só acabe quando a Moira cega resolver cortar o fio da sua vida.

Vava, que gerou Sebastião.

A notícia vem sempre primeiro. Saber, a gente sabe. Surpresa é coisa de filme. Sabe dos tempos do corpo, das cores, assim como das estações e temperaturas. A notícia serve pra confirmar e começar a perguntar. Tem gente que fica feliz. Pra mim é sempre mais tenso que feliz o primeiro sentimento do positivo. Pra mim é sempre grande demais o que vem pela frente e sempre acho que não vou conseguir carregar. Cada vez é diferente da outra, mas isso foi igual: a aflição de multiplicar-se. É um caminho sem volta, é uma vida a mais dentro da própria vida. É um sono a menos. É idade que avança mais rápido que o tempo. Enquanto fico remoendo de aflição e dúvida, o corpo começa a mudar. Primeiro é o peito que cresce, na cola vem a barriga. Dessa vez tá maior que da primeira. Tudo tá maior. O cansaço, o sono, as curvas, o peso, as dores, as preocupações. Mas como um já cresceu aqui dentro, tem mais espaço! Mais espaço para pensar no que sou assim, redonda.

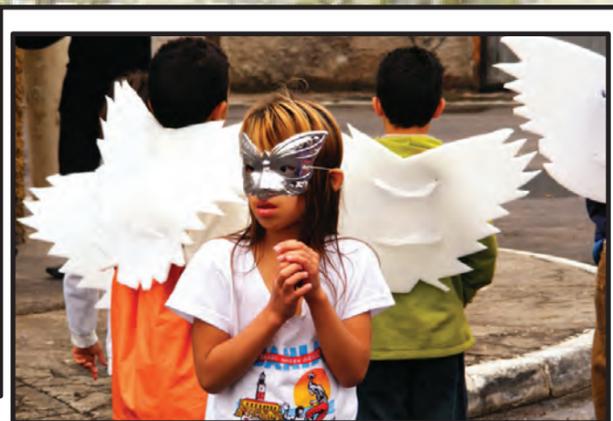
Pra sentir tanto movimento dentro da barriga. Pra amar ainda mais o filho que está fora e compartilha comigo a ansiedade de ver a cara de quem está por vir. Pra saber que toda angústia se desfaz ao longo dos meses, por isso que são nove, pra dar tempo de enlouquecer e depois acalmar. A família agora assentou. Somos mesmo família. Sou mãe mesmo, esposa. É isso me faz sentir mais mulher, porque encontro meu lugar em vários lugares diferentes e fico feliz assim. Agora já ando orgulhosa da barriga e entorto a coluna um pouco mais do que ela pede só pra exibir o estado interessante. Sonho com coisas esquisitas. Como muito, o dia inteiro. Procuro a roupa mais larga e vejo se cuida da saúde que já foi melhor. Dessa vez tá tudo maior. A casa, a barba do pai, a força da mãe, a certeza do que se vive, a tranquilidade de encarar a opção feita, o saber cuidar, a vontade de brincar. É a experiência de amar multiplica-se com tudo o que cresce e nunca mais pára de crescer.

Maysa Lepique



De lagarta a borboleta. O que dizer sobre a maternidade sem parecer redundante? Como traduzir esse jorro de sentimentos sem cair na verborragia? As experiências mais profundas da vida são assim. Não cansam de se revelar. O fato é que eu preciso ser honesta: eu tinha um baixinho medo de ser mãe de alguém! Eu me achava egoísta, rebelde, despreparada. Esses argumentos que todos nós um dia acabamos colocando na mesa para justificar o pavor diante da maturidade. Mas quem é que está preparado? A vida não tem ensaio. Ela é. Ela vem. E sem que eu me desse conta, o desejo de um filho veio ocupar meu coração. Precisei de coragem, como em tudo nessa vida, mas ao tornar-me mãe, tive a grata surpresa de perceber que a generosidade que eu precisava nasceu ali, junto com aquele bebezinho. Nasceu também uma outra de mim mesma. Não sei se melhor, mas certamente uma outra "inteira", que eu jamais teria conhecido de outra forma.

A maternidade veio me desconstruir para depois juntar todos os caquinhos. Acho que a emenda ficou até mais bonita! As cicatrizes da passagem são belas, porque sinalizam a experiência de estar vivo. Sair de si mesmo dói. Acreditem. Mas o lado de cá é mesmo incrível! Foi assim que me vi diante do meu filhote de gente. Plena de surpresa e alegria, segurando aquele corpinho quente e macio. Filho é vínculo forte de mistério. É autenticação viva da emoção da carne. Encantamento onde o animal e o divino nunca estiveram tão unidos. Deve ser por isso que mãe é representação tão imensa. Deve ser por isso também que chamamos de mãe a própria Natureza. Enfim, tudo o que eu ouvia a respeito da maternidade é verdade e mais um pouco. E assim como no improviso artístico, ser mãe exige presença, intuição e muita fluência. O resto vai se fazendo sem muito esforço.



Sinto que dos novos espaços de dentro de mim, brotam sem parar infinitas camadas de paciência, afeto e ternura. Como num misterioso processo alquímico todo medo se transforma em amor. Dia desses, li esse trechinho de história infantil: será que a borboleta lembra que já foi lagarta? Será que a lagarta sabe que um dia vai voar? É uma bela metáfora do momento em que uma mulher torna-se mãe e é exatamente assim que me sinto. Para abandonar o velho casulo da lagarta tive que me entregar inteira à aventura das novas asas, apesar do medo do desconhecido. Respondendo por mim, eu quase não me lembro da vida que eu levava sem meu filho. E juro que eu não podia imaginar voo mais belo!

Fafi Prado

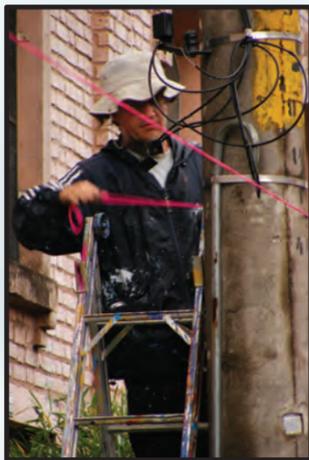
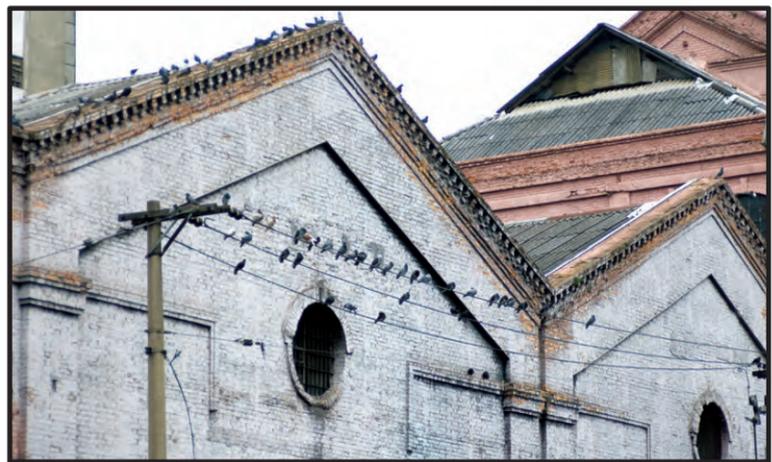




Eu queria que você ainda estivesse aqui dentro. Às vezes ainda sinto você dentro de mim.

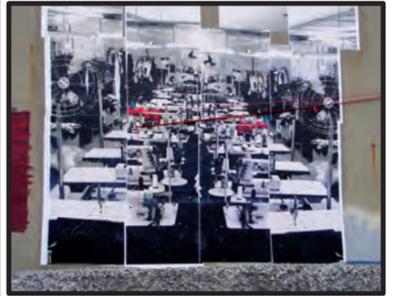
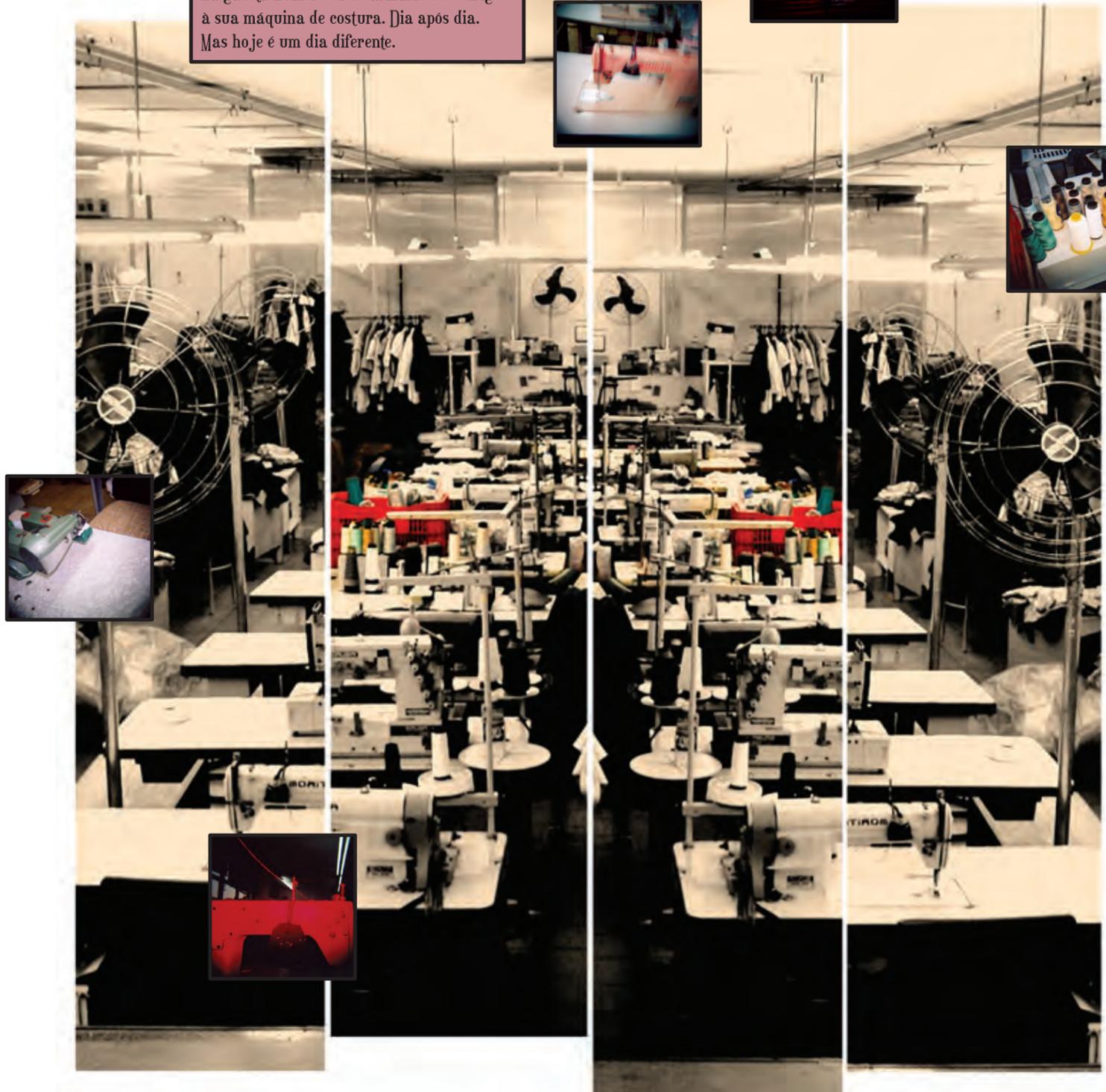


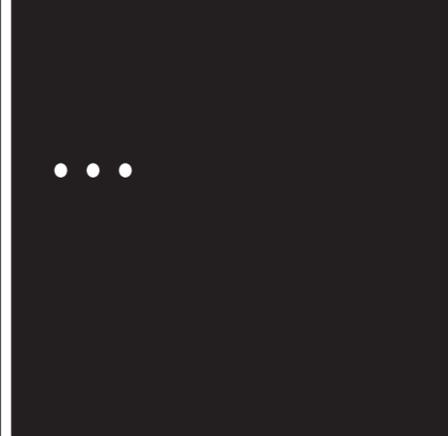
capítulo 5
costuranças



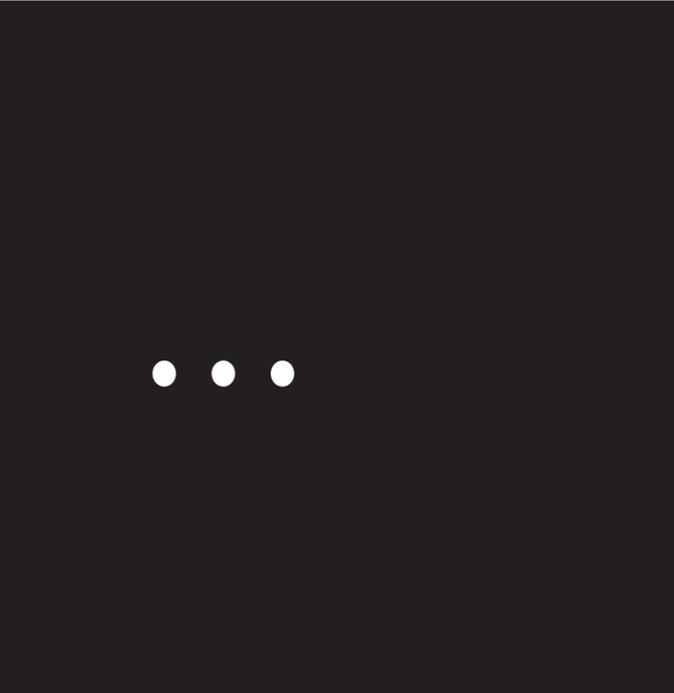
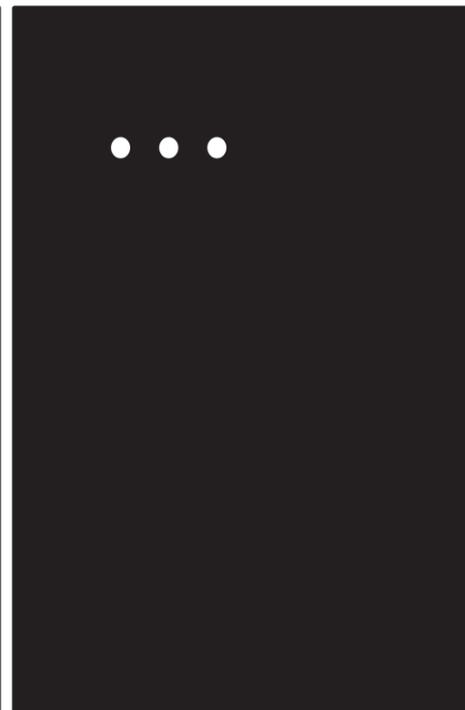
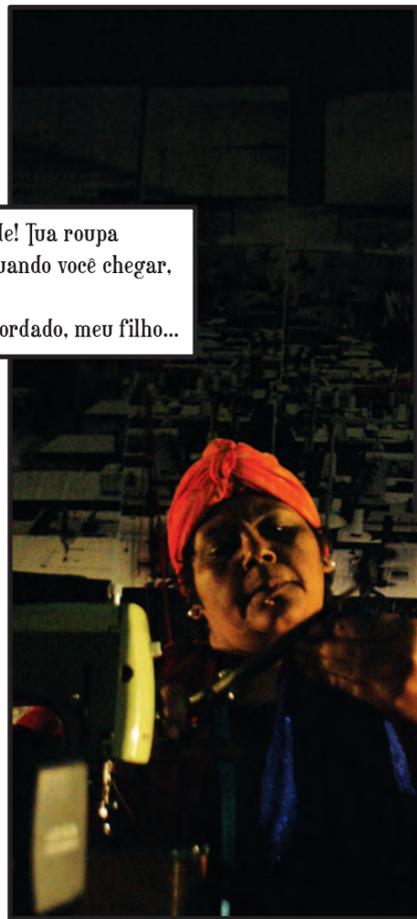


Rua Mendes Caldeira, 165. Dia após dia, fazem 30 anos, que Domingas abre a mesma pesada porta de ferro. Deixa sua bolsa e seu casaco na gaveta número 32 do armário e se dirige à sua máquina de costura. Dia após dia. Mas hoje é um dia diferente.





Ah, meu filho, que saudade! Tua roupa tá ficando linda, linda! Quando você chegar, ela vai tá prontinha! Espero que não tenha engordado, meu filho...





"Quem é essa mulher que canta sempre o mesmo estribilho quero só velar meu filho..."



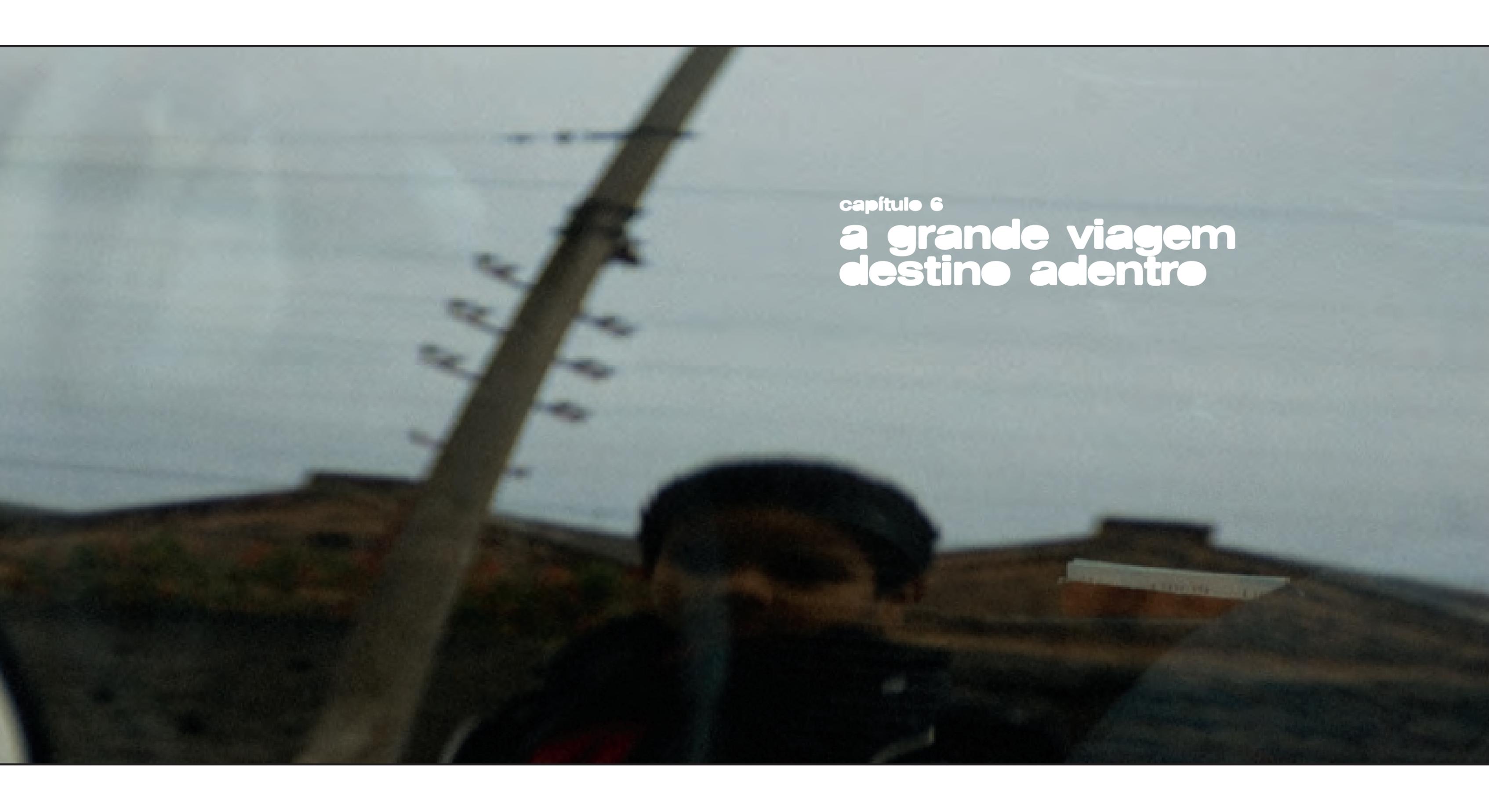


É então, no meio da sua fantasia e a de seu filho, Domingas para e olha ao redor.



Meu Deus... Por onde você anda, meu filho?
Por onde? Por onde? Por que? Por que?
Meu Deus... que prova é essa? Onde que eu errei, meu Deus? Por que fez isso comigo?



A person with dark hair, wearing a dark jacket, is seen from the chest up, looking out over a vast, grey, overcast sea. The person is positioned on the deck of a ship, with a curved metal railing visible in the foreground. The background shows the horizon line where the sea meets a pale, cloudy sky. The overall mood is somber and contemplative.

capítulo 6

a grande viagem destino adentro

Domingas ainda costura. E pensa.
Por onde andará seu filho?
O que aconteceu depois daquele
café da manhã? Dentro de suas
lembranças, procura algo
que possa lhe dar alguma pista,
alguma resposta.

Lembra que Cláudio gostava de Tania,
que era apaixonada pelo Tiaguinho.
Tania, porta-bandeira da escola de
samba, sabia que Tiaguinho estava
arrastando as asas pra mina
burguesinha que vinha nos ensaios.
E usava Cláudio pra fazer ciúmes.
Quem nunca fez besteira por paixão?

Lembra do Sargento Portela, policial
que era do bairro e que, de graça,
sempre perseguiu Tiaguinho. Já deu
blitz no carro dele várias vezes. E
dizia, pra todo mundo ouvir, que um
dia ia chegar a hora do Tiaguinho.

Lembra de Cláudio, amigo de seu filho desde
quando brincavam de bolinha de gude pelas vielas
do bairro. Sabe que haviam brigado feio algum
tempo antes. Tiaguinho foi chamado pra ser um dos
aviões do Jucemar, dono da boca mais próxima.
Tiaguinho recusou. Mas Cláudio...

Lembra do Jucemar, que na verdade,
nunca perdoou Tiaguinho por não ter
aceito seu convite. Virou traira pra
muita gente a partir de então. Será?

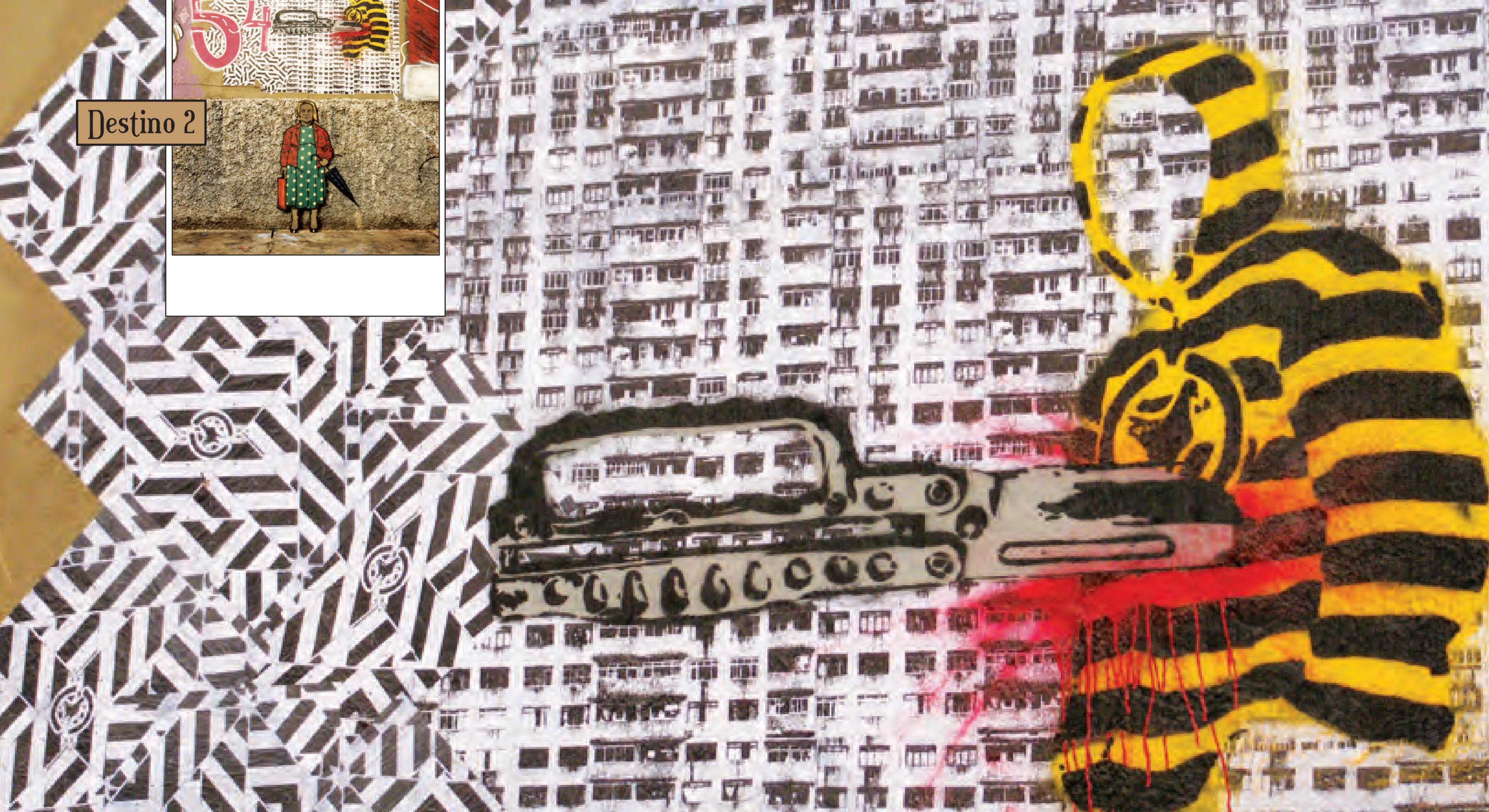
Lembra também do dia que o pai da
menina rica apareceu na sua casa.
Ofereceu grana pro Tiaguinho sair
fora. Tiaguinho virou monstro. Jogou o
velho pela porta da frente. O Velho
disse que ele ia se arrepender.

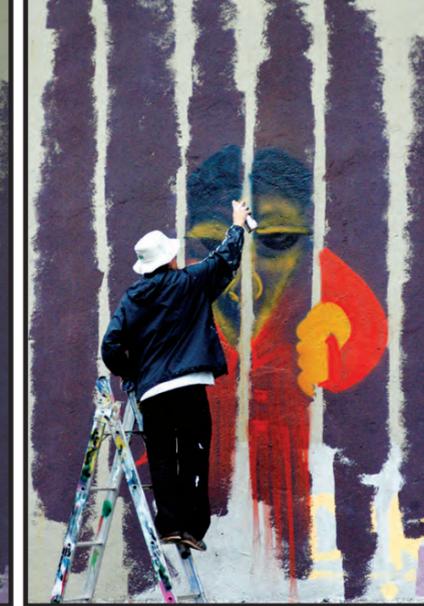


Destino 1



Destino 2





Destino 3





Destino 4



Destino 5



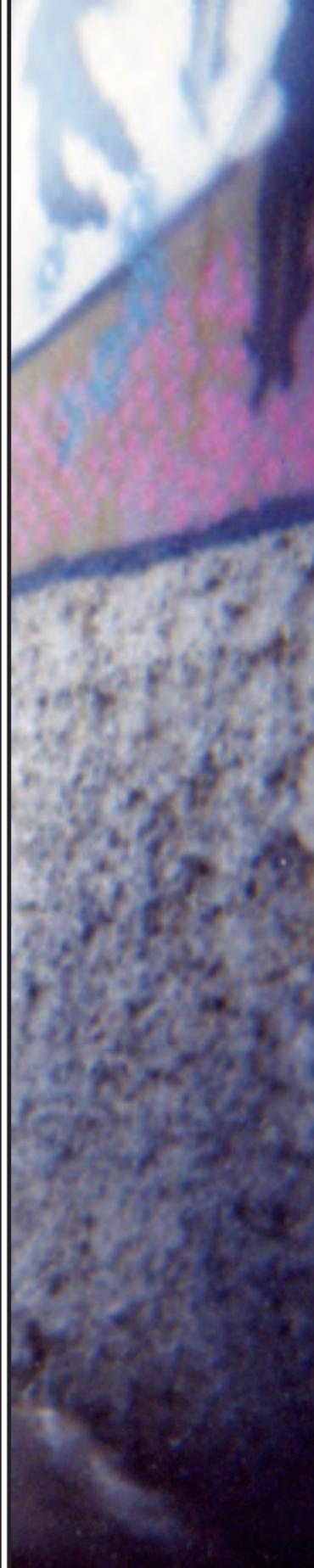


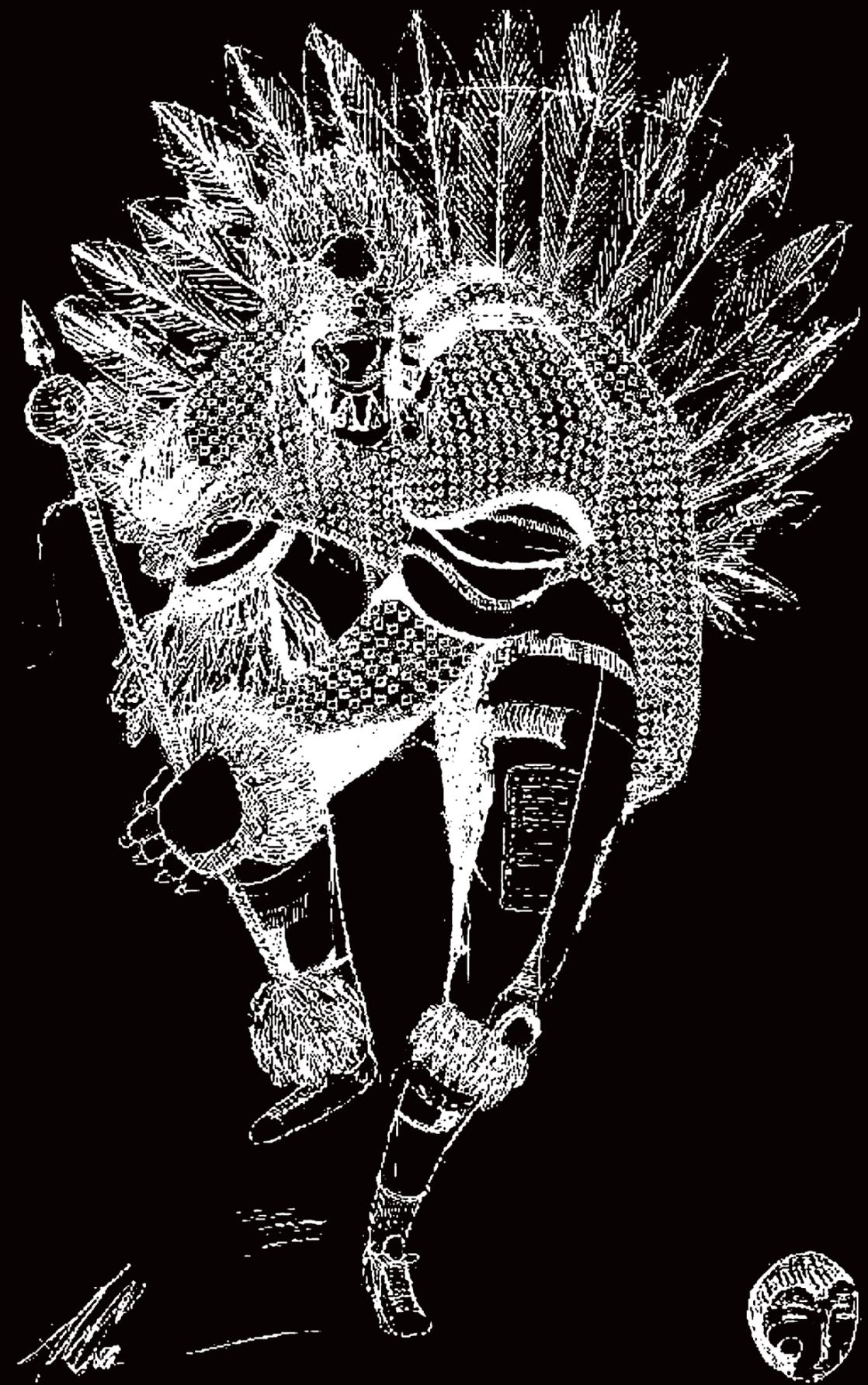
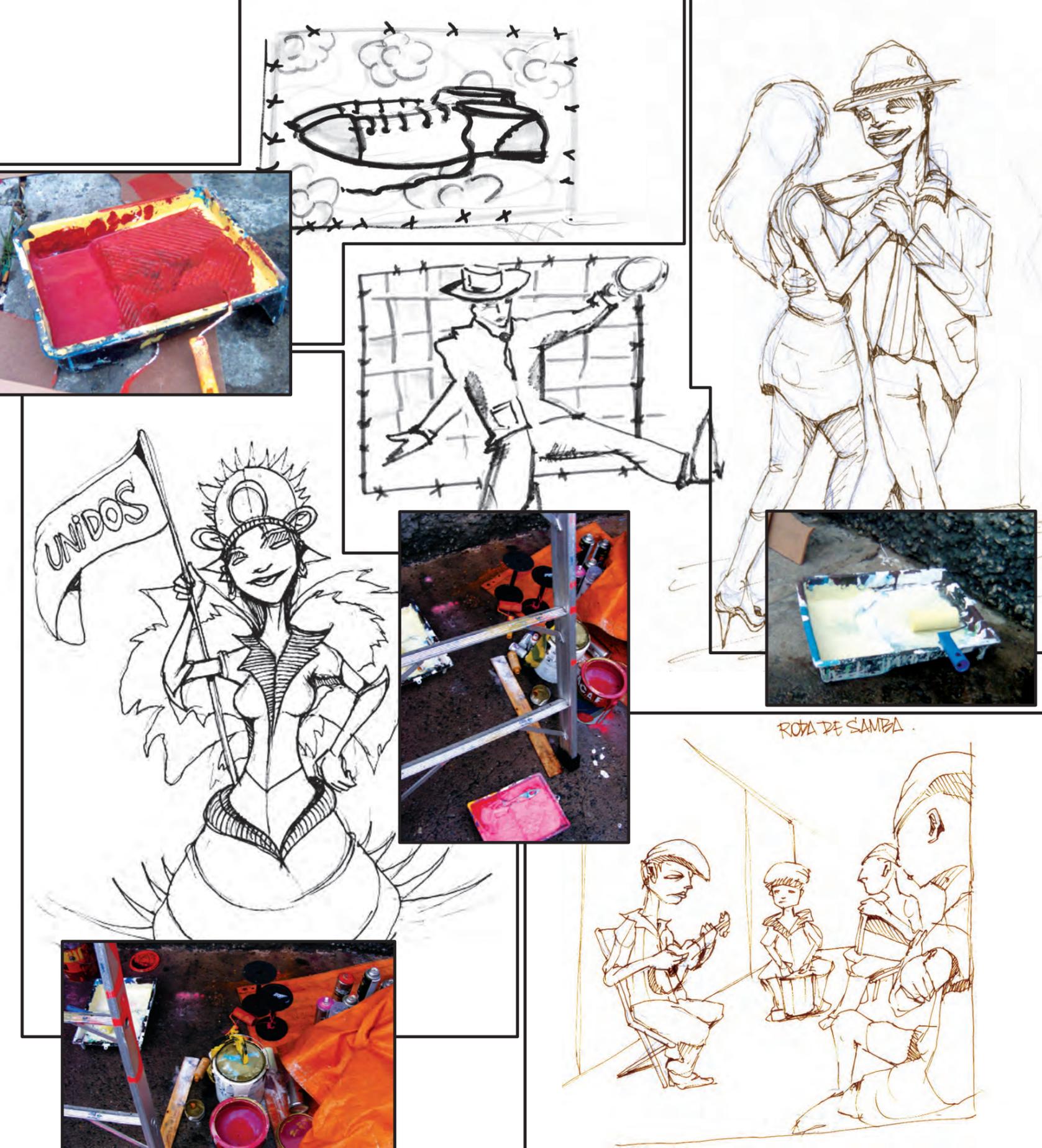
Mãe?



capítulo 7

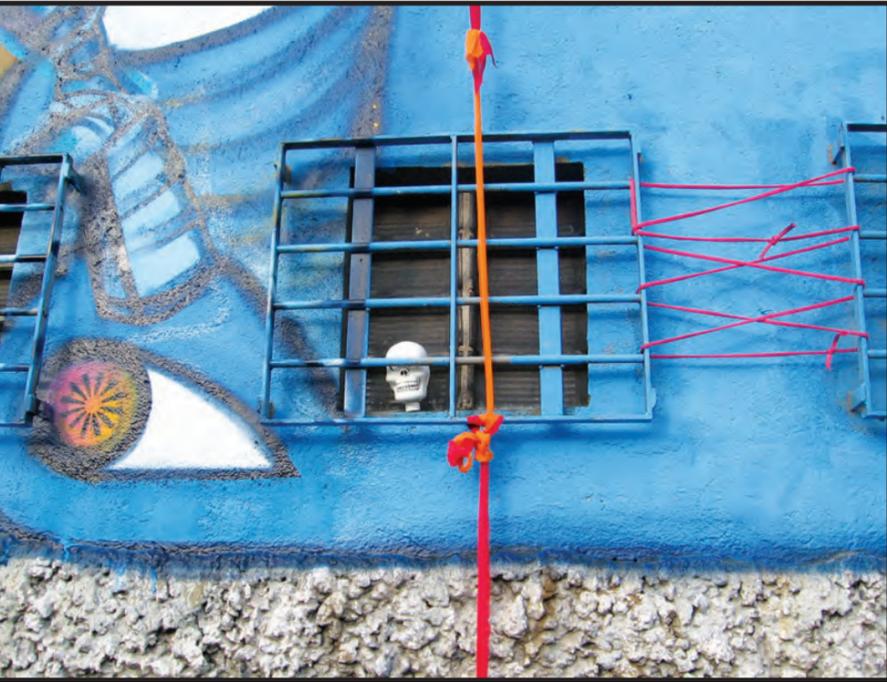
a vida é um carnaval



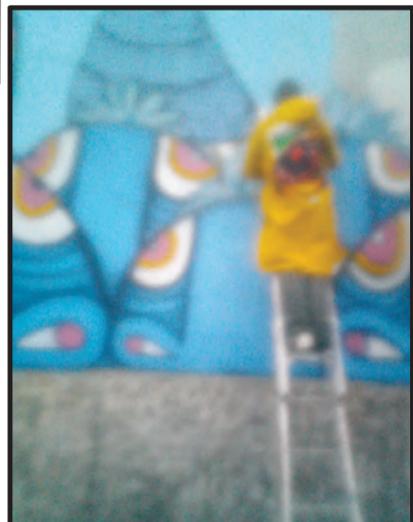
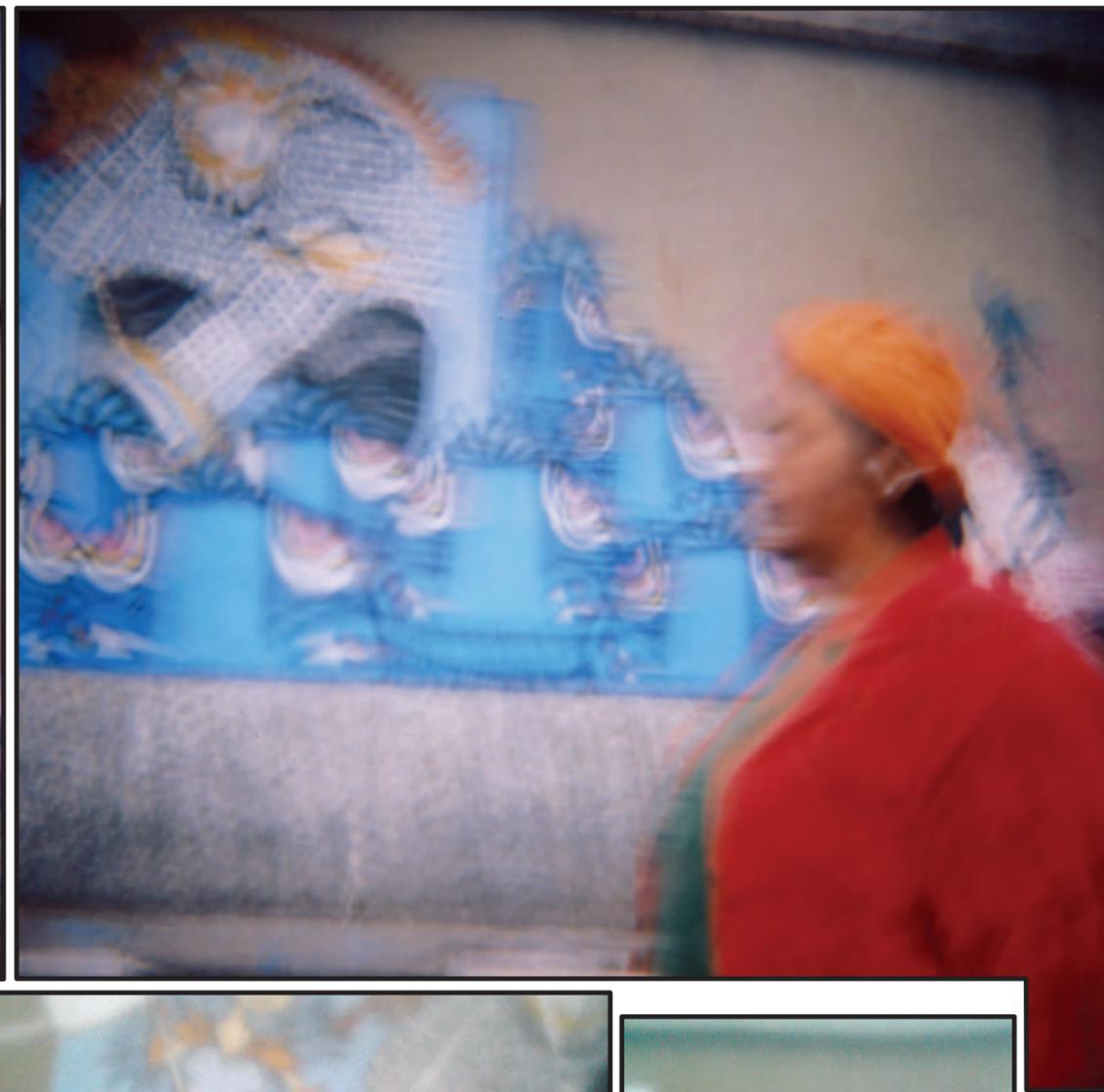
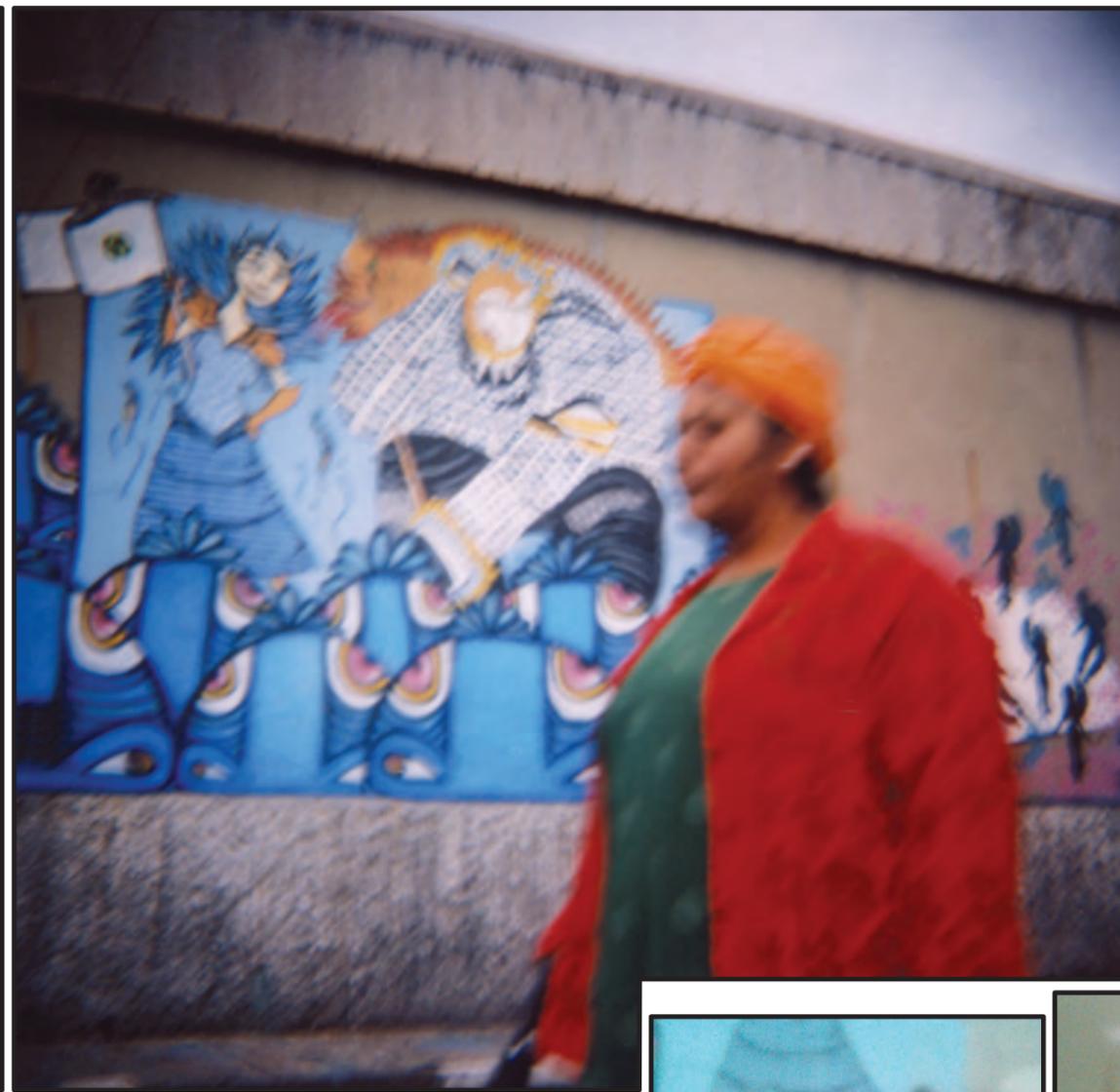
















capítulo 8
voltando pra casa







Fim